

CONTO FANTÁSTICO

QUANDO TUDO ACONTECEU, ESTÁVAMOS NA BIBLIOTECA...

Dona Celeste no meio do caminho

Por Gislaine Buosi

Jamais haverá outra bibliotecária como a Dona Celeste. Por vezes, ela se escondia atrás da pilastra e, assim que nos aproximávamos, ela nos assustava – ou melhor, o Saci, o Corcunda, a Madrastra, o Lobo Mau, enfim, personagens da literatura saltavam dos livros e nos surpreendiam, travestidos de Dona Celeste, que de vez em quando arregalava os olhos, outra vez careteava, falava grosso, falava fino...

Outra como ela, não haverá.

A biblioteca ficou fechada por muitos dias, mas ninguém tinha coragem de perguntar quando seria reaberta. Talvez nem fosse preciso abri-la, tamanha a nossa tristeza depois que soubemos que Dona Celeste havia nos deixado. Entretanto, as provas de linguagens estavam agendadas, era preciso ler, reler, interpretar.

Estávamos na biblioteca, num silêncio dolorido, quando vimos uma porta se abrir, e então um clarão embargou nossas vistas. Eu fiquei de longe, mas o Pedro Henrique, sempre curioso, saiu correndo, chegou à porta, olhou para os lados, e então avançou. A Carol, que assistia a tudo aquilo, gritou:

— Cuidado!

E então o Pedro Henrique caiu...

— Tinha uma pedra no meio do caminho! – a Carol gritou.

Outras portas foram se abrindo, umas grandes, outras médias, e os alunos iam avançando – aluno grande entrava pela porta grande, aluno médio...

— Cai, cai balão! Na rua do sabão! – foi o grito da turma da Educação Inicial, que transpôs a porta pequena.

A essa altura, eu, atônito, respirei fundo, levantei-me da cadeira e toquei a maçaneta – estranhamente, a porta pela qual eu pretendia passar estava fechada. Bati – não houve resposta. Tornei a bater, e então Dona Celeste abriu-me a porta. Muitos vieram ao meu encontro – Maluquinho, Visconde de Sabugosa, Robson Cruzoé, Viramundo, Maria Bonita, Capitu... – alguns eu conhecia, outros acabei conhecendo no meio do caminho.